



Genova / Gênova¹

Dino Campana

Aurora F. Bernardini – USP (trad.)

Poi che la nube si fermò nei cieli
Lontano sulla tacita infinita
Marina chiusa nei lontani veli,
E ritornava l'anima partita
Che tutto a lei d'intorno era già arcana-
mente illustrato del giardino il verde
Sogno nell'apparenza sovrumana
De le corrusche sue statue superbe:
E udii canto udii voce di poeti
Ne le fonti e le sfingi sui frontoni
Benigne un primo oblio parvero ai proni
Umani ancor largire: dai segreti
Dedali uscii: sorgeva un torreggiare
Bianco nell'aria: innumeri dal mare
Parvero i bianchi sogni dei mattini
Lontano dileguando incatenare
Come un ignoto turbine di suono.
Tra le vele di spuma udivo il suono.
Pieno era il sole di Maggio

Depois que a nuvem estancou² nos céus
Ao longe sobre a tácita infinita
Marina presa nos longínquos véus,
E retornava a ânima³ partida
Que tudo em volta dela já era arcana-
mente ilustrado do jardim o verde
Sonho na aparência sobre-humana
Das coruscantes estátuas suas soberbas:
E ouvi canto ouvi voz de poetas
Nas fontes e as esfinges nos frontões
Benignas um primeiro olvido aos pronos
Humanos pareceram dar: dos secretos
Dédalos saí: surgia branco no ar
Um torrear: inúmeros do mar
Pareceram os brancos sonhos das manhãs
Ao longe dispersando encadear
Como um ignoto turbilhar de som.
Entre as velas e espuma ouvia-se o som.
Pleno estava o sol de Maio.

Al porto il battello si posa
 Nel crepuscolo che brilla
 Negli alberi quieti di frutti di luce,
 Nel paesaggio mitico
 Di navi nel seno dell'infinito
 Ne la sera
 Calida di felicità, lucente
 In un grande in un grande velario
 Di diamanti disteso sul crepuscolo,
 In mille e mille diamanti in un grande velario
 [vivente

Il battello si scarica
 Ininterrottamente cigolante,
 Instancabilmente introna
 E la bandiera è calata e il mare e il cielo è d'oro
 [e sul molo

Corrono i fanciulli e gridano
 Con gridi di felicità.
 Già a frotte s'avventurano
 I viaggiatori alla città tonante
 Che stende le sue piazze e le sue vie:
 La grande luce mediterranea
 S'è fusa in pietra di cenere:
 Pei vichi antichi e profondi
 Fragore di vita, gioia intensa e fugace:
 Velario d'oro di felicità
 È il cielo ove il sole ricchissimo
 Lasciò le sue spoglie preziose:
 E la Città comprende
 E s'accende
 E la fiamma titilla ed assorbe
 I resti magnificenti del sole,
 E intesse un sudario d'oblio
 Divino per gli uomini stanchi.
 Perdute nel crepuscolo tonante
 Ombre di viaggiatori
 Vanno per la Superba
 Terribili e grotteschi come i ciechi.

No porto pousa o batel
 No crepúsculo que brilha
 Nas árvores quietas de frutos de luz,
 Na paisagem mítica
 De navios no seio do infinito
 Na noite
 Cálida de alegria, luzindo
 Num grande num grande velário
 De diamantes estendido no crepúsculo,
 Em mil e mil diamantes em um grande velário
 [vivo

O batel descarrega
 Rangendo ininterruptamente,
 Atroa incansavelmente
 E a bandeira amainou e o mar e o céu é de ouro
 [e no molhe

Correm as crianças e gritam
 Com gritos de felicidade.
 Já aventuram-se aos bandos
 Os viajadores à cidade trovejante
 Que estende suas praças e suas ruas:
 A grande luz mediterrânea
 Fundiu-se em pedra e cinzas:
 Pelos antigos becos e profundos
 Rumor de vida, alegria intensa e fugaz:
 Velário d'ouro de felicidade
 É o céu onde o sol riquíssimo
 Deixou seus despojos preciosos:
 E a cidade compreende
 E se acende
 E a chama titila e absorve
 Os restos magnificentes do sol,
 E entretece um sudário de olvido
 Divino para os homens cansados.
 Perdidas no crepúsculo toante
 Sombras de viajantes
 Vão pela Soberba
 Terríveis e grotescos como os cegos.

Vasto, dentro un odor tenue vanito
 Di catrame, vegliato da le lune
 Elettriche, sul mare appena vivo
 Il vasto porto si addorme.
 S'alza la nube delle ciminiere
 Mentre il porto in un dolce scricchiolìo
 Dei cordami s'addorme: e che la forza
 Dorme, dorme che culla la tristezza
 Inconscia de le cose che saranno
 E il vasto porto oscilla dentro un ritmo
 Affaticato e si sente
 La nube che si forma dal vomito silente.

Vasto, dentro de odor tènue esmorecido
 De alcatrão, velado pelas luas
 Elétricas, no mar que mal se mexe⁹
 O vasto porto adormece.
 Alça-se a nuvem das chaminés
 Enquanto o porto em um doce chiar
 De cordas adormece: e que a força
 Dorme, dorme que embala a tristeza
 Inconsciente das coisas que serão
 E o vasto porto oscila em um ritmo
 Fatigado e se sente
 A nuvem que se forma pelo vômito silente.

O Siciliana proterva opulente matrona
 A le finestre ventose del vico marinaro
 Nel seno della città percossa di suoni di navi
 [e di carri

Ó siciliana proterva opulenta matrona
 Às janelas ventosas do beco marinhaeiro
 No seio da cidade sovada de sons de navios
 [e de carros

Classica mediterranea femina dei porti:
 Pei grigi rosei della città di ardesia
 Sonavano i clamori vespertini
 E poi più quieti i rumori dentro la notte
 [serena:

Clássica mediterrânea fêmea dos portos:
 Pelos róseos cinzas da cidade de ardósia
 Soavam os clamores vespertinos
 E depois mais quietos os ruídos dentro da noite
 [serena:

Vedevo alle finestre lucenti come le stelle
 Passare le ombre de le famiglie marine: e canti
 Udivo lenti ed ambigui ne le vene de la città
 [mediterranea:

Via às janelas brilhando como estrelas
 Passar as sombras das famílias marinhas: e os cantos
 Ouvia eu lentos e ambíguos nas veias da cidade
 [mediterrânea:

Ch'era la notte fonda.
 Mentre tu siciliana, dai cavi
 Vetri in un torto giuoco
 L'ombra cava e la luce vacillante
 O siciliana, ai capezzoli
 L'ombra rinchiusa tu eri
 La Piovra de le notti mediterranee.
 Cigolava cigolava cigolava di catene
 La grù sul porto nel cavo de la notte serena:
 E dentro il cavo de la notte serena

Pois era a noite funda.
 Enquanto tu, siciliana, dos vidros
 Côncavos em um jogo torto
 A sombra oca e a luz vacilante
 Ó siciliana, nas tetas
 A sombra encerrada eras tu
 O polvo das noites mediterrâneas.
 Rangia rangia rangia em suas correntes
 O guindaste do porto no oco da noite serena:
 E dentro do oco da noite serena

E nelle braccia di ferro
 Il debole cuore batteva un più alto palpito: tu
 La finestra avevi spenta:
 Nuda mistica in alto cava
 Infinitamente occhiuta devastazione era la notte
 [tirrena.

E nos braços de ferro
 O débil coração batia em um pulsar mais alto: tu
 Tinhas a janela apagada:
 Nua mística oca no alto
 Infinitamente olhenta devastação era a noite
 [tirrena.

1. Dino Campana, Genova (redondo, título do poema), *Canti Orfici e altre poesie* (italico, título da coletânea), Milão, Garzanti, 1989-1995.
2. Estancou: tem o mesmo número de sílabas de “si fermò” e, ao mesmo tempo, rende a idéia das nuvens se esvaiem uma na outra e, de repente, uma delas se imobilizar.
3. Ânima: mesmo que carregue conotações junguianas...
4. Roxo, a: traduzirá “rosso”, “rossa” como terra roxa traduziu “terra rossa”.
5. Lousa ecoa “alpendre”: variantes possíveis: ardósia e pórtico.
6. Variiega: traduz aqui “svara” no sentido que lhe é atribuído pelo dicionário Devoto Oli de “conferire una nuova nota di colore”.
7. Vendedeira (Caldas Aulete): forma mais antiquada de “vendedoras”.
8. Estornelado: neologismo em ambas as línguas.
9. Mar que mal se mexe: tem a vantagem de rimar em eco com o verso que segue. Traduz o “appena vivo”. Variantes: que mal desperta, que mal respira...